

A stylized, hand-drawn portrait of Silvia Federici in profile, facing right. She has short, reddish-brown hair and is wearing a dark top with a green scarf. The background is a solid green color. There are decorative blue floral motifs at the top and bottom center of the page.

**nova
escola**

MULHERES QUE ENSINAM

Silvia Federici

Conheça a vida e a obra da italiana
que revisitou a perseguição às mulheres
na Idade Média



DIA DA MULHER

COMO FALAR DELAS O ANO TODO



O que você vai encontrar neste e-book?

1. Introdução: Mulheres que Ensinam ____ 03
2. Quem é Silvia Federici? _____ 04
3. Mulheres e caça às bruxas _____ 06
4. Para conhecer melhor: 5 obras para
entender as mulheres na Idade Média __ 08

1 Introdução

Ao longo do **Especial Dia da Mulher - Como falar delas o ano todo**, a coleção de e-books **Mulheres que Ensinam** abordará a vida, a obra e as principais contribuições de mulheres – clássicas e contemporâneas – para o conhecimento.

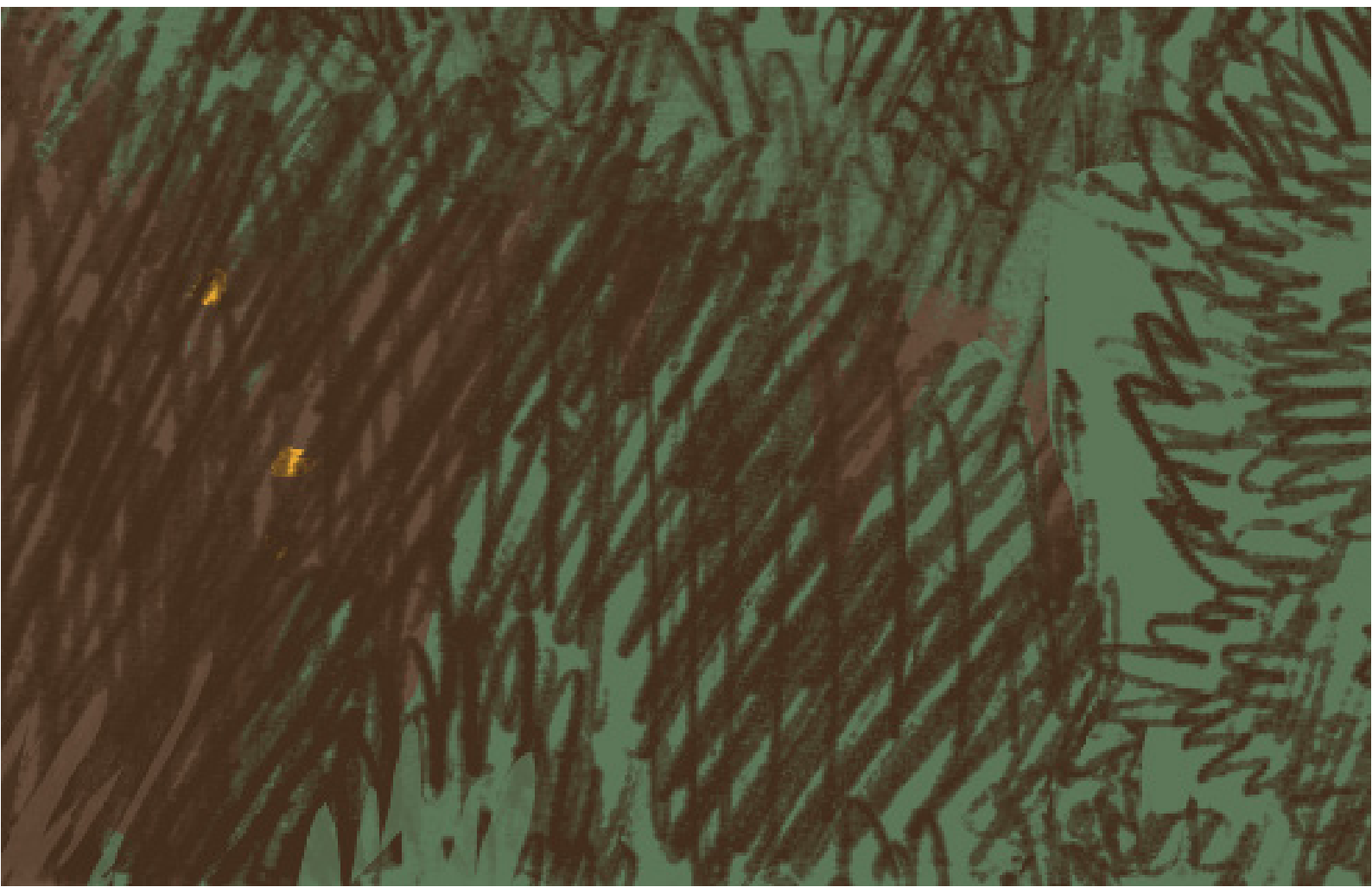
Ao longo da História, em especial aquela tradicionalmente aprendida na escola, as ações, feitos e contribuições das mulheres foram invisibilizados, desconstruídos, minimizados ou apresentados de maneira estereotipada. O mesmo acontece nos demais componentes curriculares: ainda sabemos pouco sobre quem foram, como viveram e o que fizeram inúmeras matemáticas, escritoras, cientistas, inovadoras, religiosas, filósofas e chefes de Estado. O cenário de desconhecimento se agrava quando pensamos em termos de classe e raça: conhecemos ainda menos sobre mulheres negras, indígenas ou de outros grupos minorizados.

É possível que as imensas contribuições das mulheres tenham sido invisibilizadas ao longo do seu percurso escolar. É possível também que o assunto só seja lembrado na escola em datas

específicas, como 8 de março, Dia Internacional da Mulher. No entanto, possivelmente nunca falamos, discutimos ou valorizamos tanto o tema como agora.

A proposta da coleção de e-books é jogar luz sobre a história e a vida de algumas dessas mulheres e ajudar você, professora, a se aprofundar e falar sobre elas com seus alunos, o ano todo.

Neste e-book, você vai aprender mais sobre a vida e a obra da historiadora italiana Silvia Federici.



2 Quem é Silvia Federici?

Nasceu: Parma (Itália), em 1942

Ocupação: Historiadora

Obras fundamentais: *Calibã e a Bruxa*,

Mulheres e Caça às Bruxas, *Ponto Zero da Revolução*

Nascida em 1942, na cidade italiana de Parma, a historiadora Silvia Federici nunca quis se conformar com o papel doméstico tradicionalmente reservado às mulheres da família.

Segunda filha de uma dona de casa e de um professor de História e Filosofia, Silvia nasceu em um dos momentos mais agudos da Segunda Guerra Mundial (1939–1945): sua mãe, muitas vezes, dormia completamente vestida, acordava no meio da madrugada com os bombardeios, agarrava a recém-nascida e a outra filha de quatro anos e corria para os campos no limite da cidade, onde a família tentava se proteger dos horrores da guerra.

Em sua infância e adolescência, foi bastante influenciada pelos movimentos antifascistas e comunistas da época. As teorias, porém, chocavam-se com a prática dentro de casa: “Ninguém vê meu trabalho”, a mãe reclamava. “É porque seu trabalho não é trabalho de verdade”,

replicava o pai. Anos mais tarde, a reflexão – e a revolta – da mãe com a desvalorização do trabalho doméstico influenciou a historiadora, que se dedicou a estudar a questão do trabalho no lar, do papel das mulheres e, talvez a faceta de sua obra mais conhecida no Brasil, a caça às bruxas na Idade Média e a relação entre este fenômeno e o fim do feudalismo.

Radicada nos Estados Unidos desde 1967, Silvia também viveu e trabalhou na Nigéria nos anos 1980 e, atualmente, é professora emérita da Universidade de Hofstra, em Nova York. Nos últimos anos, por conta da publicação de seus livros no Brasil, esteve no país em diversas ocasiões.

3 Mulheres e Caça às Bruxas

Calibã e a Bruxa – Mulheres, corpo e acumulação primitiva (Editora Elefante, 2017) é a obra mais conhecida da historiadora no Brasil. O livro, traduzido para o português pelo Coletivo Sycorax e também disponível gratuitamente ([clique aqui para acessar](#)), aborda a perseguição

massiva que atingiu mulheres – e também outros grupos, como os indígenas das Américas e os africanos – entre os séculos XIV e XV.

A tarefa encarada pela obra – cujo título é uma alusão à peça *A Tempestade*, de William Shakespeare – é contar a história das mulheres e seus corpos nesta transição política, social e econômica entre o feudalismo e o capitalismo.

“A questão histórica mais importante que este livro aborda é como explicar a execução de centenas de milhares de ‘bruxas’ no começo da Era Moderna e por que o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres”, escreve Silvia Federici no prefácio do livro. Para a autora, o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo.

“... a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista”

– Calibã e a Bruxa, pág. 205

Além de complementar as teorias de Karl Marx e Friedrich Engels sobre a criação do capitalismo -- inserindo nelas a figura da mulher --,

a obra é interessante para evidenciar que as bruxas, consideradas por muitos ainda hoje como criaturas lendárias, verdadeiras vilãs dos contos de fada, eram pessoas reais que foram acusadas, perseguidas, torturadas e, não raro, literalmente queimadas em fogueiras por autoridades estatais e religiosas. Apesar do papel da Inquisição nesta perseguição, ao contrário do que sugere o estereótipo, escreve Silvia Federici, a caça às bruxas não foi operada apenas por religiosos, com cortes seculares presidindo muitos julgamentos e execuções.

Silvia Federici revisitou essas questões também no livro *Mulheres e caça às Bruxas* (Editora Boitempo, 2019). Um dos textos explora a origem da palavra inglesa gossip (“fofoca”), que originalmente podia ser entendida como amiga, companheira, e como a associação entre mulheres e também o próprio ato de falar o que se pensava passou a ser encarado negativamente pela sociedade medieval.

Ainda na Inglaterra, em 1547, “foi expedido um decreto proibindo as mulheres de se encontrarem para tagarelar e conversar” e ordenando aos maridos que “mantivessem as esposas dentro de casa”. As amigadas femininas foram um dos alvos da caça às bruxas, na medida em que, no desenrolar dos julgamentos, as mulheres acusadas foram

forçadas, sob tortura, a denunciar umas às outras, amigas entregando amigas, filhas entregando mães. Foi nesse contexto que “gossip” se transformou, de uma expressão de amizade e afeto, em um termo de difamação e ridicularização.

A história oculta da fofoca, capítulo do livro Mulheres e caça às bruxas (pág. 10)

[Disponível gratuitamente aqui.](#)

Ao revelar a história dessas mulheres, o livro aborda ainda outros momentos importantes da Idade Média, como as revoltas camponesas na Europa, os movimentos milenaristas, os heréticos (como os cátaros e os valdenses), o impacto da Peste Negra (que dizimou a mão-de-obra) e os cercamentos. Além disso, aborda como o trabalho realizado pelas mulheres no âmbito doméstico – a limpeza, a alimentação, o cuidado com os filhos e demais membros da família – é essencial para a organização do trabalho atual e, ao mesmo tempo, profundamente desvalorizado.

O jornal The New York Times lembrou em entrevista ([disponível aqui](#)) que a historiadora há muito advoga pela ideia de que o trabalho doméstico é trabalho não remunerado, mas vital para o funcionamento da sociedade. Recentemente, a pandemia da covid-19 trouxe à tona novamente este problema, com as mulheres

sendo globalmente demitidas, afetadas pela redução de salários e precisando acumular, muitas vezes, a função de cuidadora com atividades externas.

Na BNCC

(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

4 Para conhecer melhor: Livros e documentários sobre as mulheres na Idade Média



Calibã e a Bruxa - Mulheres, corpo e acumulação primitiva, de Silvia Federici, Coletivo Sycorax (trad.), Editora Elefante (2017), 464 págs.

[Disponível também gratuitamente aqui](#)

Neste artigo, o autor Claudinei Magno Magre Mendes examina a atuação de Cecília Meirelles na ‘Página de Educação’, do Diário de Notícias. Seu foco são os textos publicados na seção ‘Commentario’, entre 12 de junho de 1930, data da fundação desse jornal, e 3 de outubro de 1930, quando Getúlio Vargas assume a presidência.



Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais, de Silvia Federici, Heci Regina Candiani (trad.), Editora Boitempo (2019), 158 págs.

Mais enxuto e acessível, o livro revisita os principais temas de Calibã e a Bruxa. Em um dos capítulos mais interessantes (“A história oculta da fofoca”), a autora resgata a origem da palavra

inglesa gossip (“fofoca”) que, originalmente, era usada para designar amigas mulheres.



O Diabo e a Terra de Santa Cruz – Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, de Laura de Mello e Souza, Companhia das Letras (1986), 396 págs.

Escrito pela historiadora brasileira Laura de Mello e Souza (USP), a obra explora, com base em processos da Inquisição e cronistas da época, como a religiosidade popular no Brasil colônia (expressa em adivinhações, curas e rezas) era malvista e associada à feitiçarias. Nele, é possível encontrar histórias de mulheres acusadas de bruxaria em terras tupiniquins, não raro indígenas ou negras escravizadas.



The Ascent of Woman (“A ascensão da mulher”), BBC (2015).

Apresentado pela historiadora inglesa Amanda Foreman, o documentário, dividido em quatro episódios de 1 hora, faz um panorama da história das mulheres nos últimos 10 mil anos, evidenciando as ações e resistências, bem como os altos e baixos na longa luta delas por direitos iguais. O documentário não está disponível em português, mas é possível encontrá-lo no YouTube e assistir com a ajuda das legendas automáticas da plataforma.



nova

escola

Reportagem
CAMILA CECÍLIO
E TORY HELENA

Edição
TORY HELENA

Ilustração
MARI WAECHTER

Diagramação
DUDA OLIVA